

**A RECUPERAÇÃO REFERENCIAL DE ACORDO COM
DIFERENTES TIPOS DE ANÁFORA NA LÍNGUA PORTUGUESA
(MATERNA) E NA LÍNGUA INGLESA (ESTRANGEIRA)**

*Márcia Cristina Zimmer **

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar o tempo de recuperação referencial de quatro tipos de anáfora na língua portuguesa (materna) e na língua inglesa (estrangeira), a saber: a) anáfora pronominal (pronomes pessoais subjetivo); b) anáfora pronominal (pronomes objetivos); c) anáfora pronominal (pronomes demonstrativos); d) anáfora de sintagma nominal (SN). Tal estudo, que congrega fundamentos teóricos advindos da Lingüística Textual e da Psicolingüística, testa o princípio da explicitude de Gernbascher (1989), levando em consideração os postulados de Givón (1992) quanto à distância entre anáfora e referente no texto.

ABSTRACT

This paper aims to measure referential retrieval time of four types of anaphor both in Portuguese (L1) and in English (L2): a) pronoun anaphor (subjective pronoun); b) pronoun anaphor (objective pronoun); c) pronoun anaphor (demonstrative pronoun); d) NP anaphor. This study is based on theoretical postulates coming from Text Linguistics and Psycholinguistics by testing Gernbascher's principle of explicitness (1989) while taking into account Givón's remarks (1992) on the distance between the anaphor and its referent in the text.

* Professora do Departamento de Letras da UNISC e mestra em Lingüística Aplicada pela PUCRS.

INTRODUÇÃO

Durante os últimos vinte anos, tem havido uma considerável quantidade de pesquisas examinando as fontes de coerência na leitura. Segundo Lorch e O'Brien (1995), há que se distinguir entre as duas mais importantes fontes de coerência, a saber: as baseadas no texto (*text-based sources*), ou seja, as fontes de coerência contidas dentro do próprio texto, e as baseadas no leitor (*reader-based sources*), que têm como objeto de estudo a informação e as estratégias que o leitor traz para o processo de compreensão textual. Partindo do ponto de vista que o estudo dessas duas abordagens deve convergir para um entendimento maior do processo de produção e compreensão do texto, o presente trabalho irá se utilizar de fundamentos teóricos advindos da Lingüística Textual e da Psicolingüística para estudar um dos aspectos que contribui para a coerência, que é a coesão referencial.

Uma das características principais de um texto coeso é a de que as entidades introduzidas em um determinado ponto do texto são referidas novamente, em algum outro ponto, mais adiante. O problema de como a referência é manuseada na compreensão e produção do texto tem sido o foco de muitas pesquisas sobre o processamento do discurso, pois esse é fundamental para a compreensão da relação entre os processos cognitivos, a integração e o processamento da informação.

Dentre os vários mecanismos da referência, o estudo da anáfora será focalizado neste artigo, que tem por objetivo investigar o processamento da mesma durante a leitura. Para tanto, este trabalho está dividido em três partes, a saber: a primeira traça um breve panorama de alguns estudos sobre a referência e o processamento da informação advindos da Lingüística Textual e da Psicolingüística; a segunda parte relata o experimento em que quatro tipos de anáfora foram testados tanto em língua materna – a portuguesa – quanto em língua estrangeira – a inglesa – e na qual se discutem os resultados do mesmo para, na terceira parte, apresentar a conclusão do trabalho.

1 A INTEGRAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROCESSAMENTO DA REFERÊNCIA

O texto é uma passagem do discurso caracterizada, segundo Halliday e Hasan (1989), pela coerência. Essa coerência se dá em dois aspectos: em relação ao contexto situacional, com registro apropriado, e em relação ao texto em si mesmo, ou seja, à coesão. Os autores dão destaque, em seu trabalho, às propriedades coesivas do texto, referindo-se a elas como relações semânticas -

e, portanto, não estruturais - responsáveis, juntamente com o registro, pela textura do texto.

Esses diferentes tipos de recursos coesivos estabelecem relações dentro do texto que não estão sujeitas às limitações das características semânticas codificadas no complexo oracional através de dispositivos gramaticais. Halliday (1985, p. 288) afirma que

tais relações podem envolver elementos de qualquer extensão, tanto maiores quanto menores que orações, desde palavras até longos excertos de texto, podendo se manter através de lacunas de qualquer comprimento, tanto dentro da oração como além dela, não importando a natureza do que quer que seja que intervenha.

Ele enumera, então, quatro mecanismos de coesão: referência, elipse, conjunção e coesão lexical. A referência é o mecanismo de relação entre coisas ou fatos que pode ser estabelecida nas mais diversas distâncias, sendo que um participante ou elemento circunstancial introduzido em um determinado ponto do texto pode ser tomado como ponto de referência para algo que vem a seguir, seja através de anáforas ou catáforas. Segundo Halliday (op. cit.), a referência é basicamente estabelecida através de pronomes, sejam eles pessoais ou demonstrativos. Tendo aparecido primeiramente como uma relação exofórica, a referência teria sido inicialmente representada por dêiticos, ou seja, pronomes pessoais - tais como 'eu' e 'tu' - ou pronomes demonstrativos - como 'este', 'esse' ou 'aquele' - que apontariam para fora do texto. No entanto, os pronomes pessoais de terceira pessoa podem estabelecer relações que apontam para dentro do texto, retomando um referente já mencionado no texto - constituindo, nesse caso, uma relação anafórica - ou antecipando um referente a ser introduzido mais adiante no texto - estabelecendo, então, uma relação catafórica. Nota-se que, tanto para Halliday (1985) como para Hasan (1989), a referência anafórica (ou co-referência, como a denomina Hasan) é essencialmente pronominal, ao passo que, para autores como Gernbascher (1989), a anáfora pode ser, também, nominal, ou seja, estabelecida através de uma substituição ou repetição lexical, que Halliday classificaria como mecanismos de coesão lexical. Como o presente estudo se propõe a estudar o processamento da informação ativada pela anáfora, tomar-se-á o sentido psicolingüístico (Gernsbacher, 1989) dado à referência anafórica, segundo o qual o referente pode ser retomado através de pronomes ou sintagmas nominais (SNs).

Diferenças de nomenclatura à parte, a questão-chave dentro da referência é a de que certos conceitos parecem ser compartilhados pelo falante e ouvinte

(e pelo leitor e escritor), ao passo que outros não o são. Segundo Tomlin (1987), a informação em comum forma parte do andaime conceitual de que o falante e o ouvinte dependem para estabelecer a comunicação de modo efetivo. Os principais questionamentos são: a) o que significa dizer que o falante e o ouvinte “compartilham” informações? e b) como a organização referencial se relaciona a aspectos de níveis cognitivos mais elevados da estrutura do discurso? As respostas a essas duas perguntas remetem a questões que serão tratadas na subseção abaixo.

1.1 A informação dada e a informação nova

Praticamente toda teoria da estrutura do discurso estabelece uma distinção entre informação *dada* e informação *nova* (a denominação dessa distinção também pode variar conforme o autor, daí surgirem dicotomias como *velha x nova*, *conhecida x desconhecida*, ou *compartilhada x nova*). Cada oração do enunciado é teorizada de forma a acomodar elementos que o falante acredita ter em comum com o ouvinte, bem como elementos que ele acredita não compartilhar com aquele. Essas observações levaram um grande número de pesquisadores a propor sistemas mais ou menos complexos de classificação de informações novas ou dadas, conforme se verá a seguir.

Há duas idéias básicas a respeito da informação dada: 1) a informação dada representa um referente compartilhado, de alguma maneira, pelo falante e pelo ouvinte; ou 2) a informação dada é um referente cognitivamente ativado.

1.1.1 A informação dada vista como compartilhada

Tradicionalmente, o estudo da referência tem requerido que um dado argumento semântico tenha, também, um *status* pragmático do tipo informação *velha*, *dada* ou *conhecida*.

Halliday (1985) preocupa-se em relacionar cada unidade de informação numa determinada sentença com o discurso precedente. Ele distingue informação *dada* de informação *nova*. A nova representa a informação que o falante (escritor) trata como não conhecida pelo ouvinte (leitor), ao passo que a informação dada representa aquela que o falante (escritor) trata como conhecida pelo ouvinte (leitor). Halliday faz uma ligação entre o status da informação nova à entonação da sentença. Diferentemente dos pesquisadores da escola de Praga, Halliday estabelece uma outra distinção entre a informação *conhecida* e a *desconhecida*. Para ele, a informação é conhecida se o falante supõe que o ouvinte possa identificar o referente e como desconhecida se o falante supõe que o ouvinte não pode identificar o referente.

Prince (1981) considera essas noções demasiadamente simplistas. A autora propõe uma distinção múltipla entre tipos de informação e tipos de status de referentes. Numa delas, um referente é novo quando é introduzido no discurso pela primeira vez. Novos referentes podem ser *novos em folha* (*brand new*) – recém-criados pelo falante (escritor) - ou simplesmente *não usados* (*unused*) - entidades que o falante supõe serem conhecidas pelo ouvinte, mas que não tenham sido previamente mencionadas no discurso. Em outra distinção, um referente é considerado evocado se já é parte integrante do discurso. Um referente evocado pode ser *textualmente evocado* se o ouvinte já o tinha evocado anteriormente baseado em instruções do falante (como, por exemplo, através da menção do referente pelo falante), ou pode ser *situacionalmente evocado* se o ouvinte sabe evocá-lo por si mesmo (ex: “você”, referindo-se ao ouvinte). Em uma terceira distinção, um referente será *inferível* se o falante supuser que o ouvinte poderia tê-lo inferido, usando conhecimento e raciocínio. É imprescindível ressaltar, aqui, que um referente pode ser inferível tanto do texto (pelo co-texto), durante a leitura, como da situação (contexto), durante a fala.

1.1.2 A informação dada como grau de ativação na memória

Chafe (1987,1994) discute o *status* da informação em termos do que é ativado (ou não ativado) na consciência. Ele argumenta que fenômenos lingüísticos tais como informação *dada* e *nova* são manifestações de nossas atividades cognitivas básicas. Nossas mentes contêm uma quantidade de conhecimento ou informação muito grande, mas apenas uma pequena parcela dessa informação pode ser ativada a qualquer momento. O autor propõe que um conceito particular pode estar em qualquer um dos três diferentes estágios de ativação num momento determinado do processamento do discurso: *ativo* (correspondente ao *dado*), *semi-ativo* (acessível) ou *inativo* (correspondente a *novo*). Chafe (1987, p.25) afirma que

um conceito ativo é aquele aceso em um determinado momento, um conceito no foco de consciência de uma pessoa. Um conceito semi-ativo é aquele que está na consciência periférica de uma pessoa, um conceito do qual a pessoa tem uma percepção de fundo, mas que não está sendo diretamente focalizado. Um conceito inativo é aquele que se encontra na memória de longo-prazo de uma pessoa, não estando nem direta nem periféricamente ativo.

Durante a elocução, o falante geralmente altera os estados de ativação de

certos conceitos que são parcialmente refletidos em sua escolha referencial. Se o falante supõe, antes de enunciar uma unidade de entonação, que um conceito já está ativo na mente do ouvinte, ele verbalizará aquele conceito de forma atenuada, geralmente pronominalizando-o. Se ele supuser que um conceito está sendo “ativado” ou “semi-ativado” na consciência do falante, ele verbalizará aquele conceito de forma menos acentuada, provavelmente nominalizando-o.

Haviland e Clark (1974) relacionam essas noções a processos de memória quando discutem a “Estratégia do Dado-Novo”. Segundo esses autores, cada sentença produzida por um falante contém algumas informações que são velhas ou dadas, e algumas que são novas. A informação velha serve como indicação de onde, na memória do ouvinte, ele encontrará informações relacionadas ao que é transmitido pela sentença presente, bem como “uma instrução especificando onde a informação nova deve ser integrada ao conhecimento prévio” (Haviland e Clark, 1974, p. 525). Conseqüentemente, pronomes e sintagmas nominais definidos (SNs) tendem a se referir a informações dadas ou velhas, enquanto SNs indefinidos tendem a se referir a informações novas.

Givón (1983) também toma o estudo da referência no nível cognitivo. Ele observa que o falante calcula até que ponto um referente dado é mentalmente acessível a seu ouvinte. Se a acessibilidade é considerada alta, o falante usará uma forma referencial atenuada de indexar o referente (através da elipse ou pronominalização). Se julgar que a acessibilidade é mais baixa, o falante usará uma forma mais longa, talvez um SN simples ou um com alguma modificação. Se estimar que a acessibilidade é muito baixa, o falante pode introduzir um referente na representação através de um SN indefinido ou algum outro dispositivo apropriado.

1.2 A referência e a integração do conhecimento

Um problema importante que se destaca no estudo da coesão e, dentro dele, da referência, é a compreensão de como o falante e o ouvinte controlam (acompanham) os referentes durante a produção e a compreensão do discurso. Para Tomlin (1987), acompanhar os referentes envolve três problemas afins: 1) introduzir referentes no discurso; 2) manter a referência quando o referente for introduzido; 3) re-introduzir referentes após um longo hiato de tempo. Praticamente todas as abordagens atuais empregam algum tipo de estudo de modelo mental que investiga como se dá esse controle da referência na mente. A questão do controle e acompanhamento dos referentes no transcorrer do tempo tem sido abordada por muitos psicolinguistas, dentre os quais se destacam Gernsbacher (1989) e Givón (1992).

Gernsbacher (1989), ao discorrer sobre o acesso referencial à informação

anterior em um discurso, postula a existência do *princípio da explicitude*, que estabelece que, quanto mais explícitos os conceitos (ou seja, a informação a ser recuperada), mais provável será sua ativação quando usados anaforicamente. Por exemplo, os conceitos mais explícitos examinados por Gernsbacher foram os nomes próprios. De acordo com o princípio da explicitude, os nomes próprios, ao serem usados anaforicamente, são os que desencadeiam a ativação de seus antecedentes mais rapidamente. Menos explícitos do que os nomes próprios são os substantivos comuns. Quando usados anaforicamente, a relação entre SNs comuns e seus antecedentes é de sinonímia (ex: “João atirou a *pedra*. A *rocha* era pesada”) ou de superordenamento semântico (ex: “João alimentou o *pardal*. O *pássaro* estava faminto”). De fato, as anáforas de SN (ou, segundo Halliday, a substituição lexical) são mais facilmente compreensíveis quando são mais gerais que seus antecedentes, do que vice-versa (Garrod e Sanford, 1977). Por exemplo, o tempo de leitura é menor para a seqüência “João alimentou o *pardal*. O *pássaro* estava faminto” do que para a seqüência “João alimentou o *pássaro*. O *pardal* estava faminto”.

Ainda de acordo com o princípio da explicitude, anáforas pronominais são menos explícitas do que as de SN e, por conseguinte, requerem mais tempo para ativarem a informação antecedente. Contudo, conforme o próprio Gernsbacher admite, pronomes mais explícitos - ou seja, aqueles que correspondem ao gênero ou ao número de somente um dos referentes da sentença ou texto - tendem a apresentar alto poder de ativação do antecedente quando usados anaforicamente. Isso não ocorre com pronomes menos explícitos, ou seja, aqueles que podem corresponder a dois ou mais referentes anteriores. Por fim, a menos explícita de todas as formas de referência anafórica é a que Gernsbacher denomina de anáfora zero, e que corresponde à elipse, segundo Halliday (op. cit.).

Givón (1992), em seu modelo psicolinguístico da coerência referencial como processamento mental, também trata da alternância entre tipos de anáforas quando postula a existência de uma correlação entre a anáfora e a distância referencial no discurso - distância essa “medida” pelo número de orações existentes entre uma determinada anáfora e seu antecedente. Nesse modelo, o papel da memória de curto prazo também é destacado, pois sua capacidade limitada é o que determina a necessidade de uso de um tipo mais ou menos explícito de anáfora, conforme varia a distância referencial. Há um princípio subjacente a esse modelo, segundo o qual quanto maior for a distância, mais difícil será a identificação do referente pelo ouvinte/leitor, sendo necessária, então, uma forma mais explícita de anáfora - como a nominal. Quanto mais curta a distância, mais fácil será a identificação do referente, que poderá ser codificado sob a forma de uma anáfora pronominal ou, mesmo, de uma elipse.

Com base nos modelos de Givón (1992) e Gernsbacher (1989), descrever-se-á, no próximo capítulo deste trabalho, uma pesquisa de campo envolvendo o tempo de processamento de três tipos de anáfora pronominal e um tipo de anáfora de SN, ou nominal - mecanismo esse denominado substituição lexical por Haliday (1985).

2 O EXPERIMENTO DE RECUPERAÇÃO REFERENCIAL DE DIFERENTES TIPOS DE ANÁFORA NA LÍNGUA PORTUGUESA (L1) E NA LÍNGUA INGLESA (L2)

Com o intuito de investigar alguns aspectos relativos à recuperação da informação referencial que venham a colocar em prática alguns dos pressupostos teóricos abordados na seção anterior, foi feita uma pesquisa de campo em que quatro tipos de anáfora foram testados tanto em língua materna quanto em língua estrangeira, conforme o descrito a seguir.

2.1 O objetivo do experimento

A pesquisa feita entre alunos adultos teve por objetivo verificar se o princípio da explicitude de Gernsbacher (op. cit.) é corroborado na língua portuguesa - como língua materna - e na língua inglesa - como língua estrangeira. Visou, também, a verificar até que ponto a distância referencial interfere no tempo de recuperação do referente. Para atingir tal fim, o experimento consistiu da leitura de quatro pequenos textos com praticamente o mesmo tamanho cada (três linhas e meia) em inglês e quatro textos da mesma extensão em português. Tanto os textos em inglês como os textos em português continham, respectivamente, os seguintes tipos de anáfora: 1) anáfora pronominal (pronome pessoal); 2) anáfora pronominal (pronome objetivo); 3) anáfora pronominal (pronome demonstrativo); 4) anáfora de SN (substituição lexical: subordinado - superordenado).

A fim de se atingir tais objetivos, foram formuladas as seguintes hipóteses:

1- O tempo de recuperação das anáforas (ta), de acordo com o princípio da explicitude e com a distância referencial, deve ser: $ta_3 > ta_2 > ta_4 > ta_1$ em língua inglesa (como L2).

2- O tempo de recuperação das anáforas segue (não segue) o esquema acima em língua portuguesa (como L1).

A seguir, serão detalhados os aspectos relativos à metodologia utilizada na pesquisa.

2.2 Metodologia

2.2.1 Sujeitos

Os sujeitos foram 12 alunos adultos de um curso particular de inglês de Porto Alegre, falantes nativos da língua portuguesa. Todos estavam no nível intermediário de aprendizagem da língua inglesa e tinham fluência em leitura nessa língua.

2.2.2 Instrumento

Oito pequenos textos foram utilizados (quatro em inglês e quatro em português). O segundo e o quarto textos em português são de autoria, respectivamente, de Patrícia Bins (1991) e Luis Fernando Veríssimo (1998). O primeiro e o terceiro textos em língua inglesa foram retirados de um *e-mail* de falante nativo, de nacionalidade canadense. Os outros dois textos de cada língua foram construídos pela autora, de maneira a manter aproximadamente o mesmo número de orações e a mesma extensão (três linhas e meia), conforme mostra o Anexo I. Dessa forma, o texto 1, tanto em português como em inglês, apresentava a mesma distância entre referente e anáfora nas duas línguas. Essa distância se manteve nos textos 2 e 4, só não sendo mantida no texto 3 - anáfora pronominal 3 (pronome demonstrativo), pois a anáfora com "isso" não cabia na mesma altura do texto que o seu correspondente, *this*, em inglês. Cada texto era seguido por uma pergunta que visava a fazer o aluno procurar o referente de cada anáfora. Assim, ao texto 1 seguia a seguinte pergunta: "A que palavra(s) se refere o pronome "ela" no texto?" O mesmo ocorria nos demais textos em português e em inglês (ver Anexo I).

2.2.3 Aplicação dos instrumentos

Os instrumentos foram aplicados individualmente. A examinadora (a própria pesquisadora) explicava ao aluno que ele iria ler quatro textos em língua inglesa e que, depois de cada um, haveria uma pergunta que deveria ser respondida por escrito. Instruía-o a ler o mais rapidamente possível, mas com muita atenção. A seguir, a pesquisadora apresentava-lhe um papel que continha o texto 1 seguido da pergunta a ele referente. Quando o aluno começava a ler (baixava os olhos em direção ao texto), a examinadora apertava um cronômetro escondido sob a mesa, e quando o aluno pegava a caneta para começar a escrever, a examinadora parava o cronômetro. Esse procedimento foi feito quatro vezes, uma para cada texto. Após a saída do aluno da sala, era anotado

o tempo dos quatro textos antes de chamar o próximo aluno a ser testado, de forma que os alunos não ficaram sabendo que foram cronometrados. Entre a aplicação dos textos em inglês e português houve um intervalo de tempo de 4 semanas, para evitar que algumas semelhanças entre os textos nas duas línguas intervisse no tempo de processamento das anáforas.

2.3 Resultados

Dos doze sujeitos testados na primeira e na última semana de novembro de 1998, um errou uma das questões em língua inglesa, sendo eliminado do experimento, pois não havia recuperado a anáfora. O resultado individual dos testes, em valores brutos, encontra-se no quadro 1.

Como se pode ver, há uma diferença bastante significativa entre a média de tempo de leitura e processamento das anáforas em português e em inglês. No gráfico seguinte, é possível visualizar melhor a diferença entre as médias de tempo entre as anáforas em português e em inglês. No eixo x estão os tipos de anáfora, e no eixo y, o tempo em segundos.

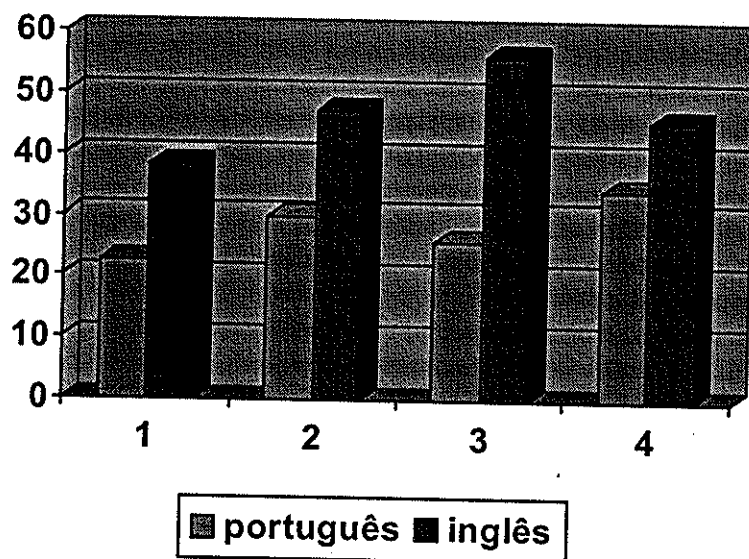


Gráfico 1: Tempo levado, em média, para a leitura e ativação de cada anáfora em cada língua.

Quadro 1: Escores brutos do tempo levado para ler os textos e responder às questões relativas às anáforas.

Sujeitos	Anáfora Pronominal 1		Anáfora Pronominal 2		Anáfora Pronominal 3		Anáfora Nominal (Subst. Lex.)	
	Ing.(i1)	Port(p1)	Ing.(i2)	Port(p2)	Ing(i3)	Port(p3)	Ingês (i4)	Port.(p4)
Sujeito 1 (BM)	18s24	13s04	24s52	18s21	29s01	20s37	22s37	19s32
Sujeito 2 (CK)	33s07	18s91	48s47	21s96	55s21	22s81	35s57	20s79
Sujeito 3 (JE)	48s39	30s49	58s39	31s92	1m01s61	32s03	41s69	58s25
Sujeito 4 (AT)	32s03	22s19	47s04	30s74	56s72	25s72	49s41	35s27
Sujeito 5 (DMS)	40s13	37s03	59s35	43s92	1m03s21	35s49	45s43	48s63
Sujeito 6 (DRCS)	59s	27s25	1m0s06	46s78	1m59s02	47s38	1m49s01	53s59
Sujeito 7 (CT)	33s53	20s13	31s51	26s04	41s15	23s15	38s28	25s38
Sujeito 8 (FS)	55s39	24s45	57s03	30s32	59s58	15s10	1m01s17	35s17
Sujeito 9 (LFFR)	22s53	14s56	30s99	23s21	31s20	13s84	23s28	19s42
Sujeito 10 (MG)	35s77	12s47	40s40	19s06	56s64	18s16	38s16	19s88
Sujeito 11 (R)	42s85	27s82	59s76	35s19	43s89	31s63	37s34	38s92
Média de tempo	38s30	22s58	47s04	29s85	56s11	25s97	45s61	34s05

Para se ter uma idéia da variação de tempo de acordo com o tipo de metáfora em cada uma das línguas, pode-se consultar o gráfico 2 abaixo para, então, discutir os resultados. No eixo *x* estão os tipos de anáfora e no eixo *y*, o tempo em segundos.

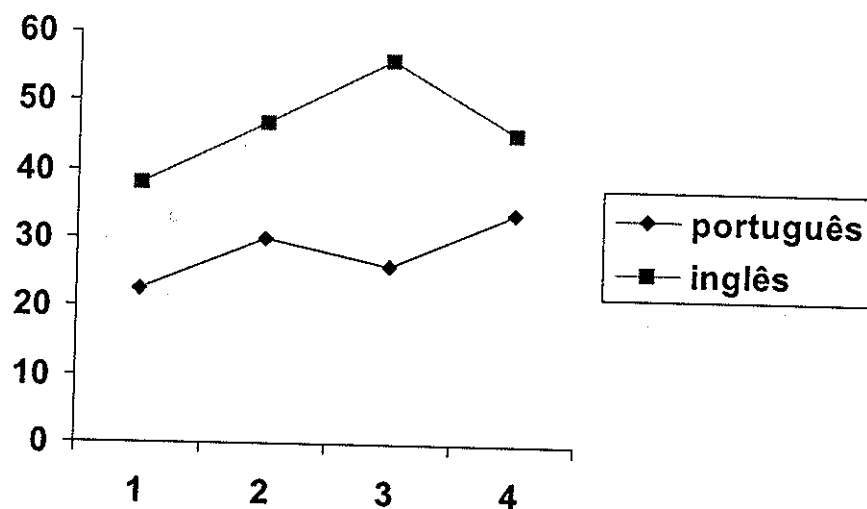


Gráfico 2: Comparação entre os tempos de recuperação anafórica em cada língua.

2.3.1 Avaliação das hipóteses

A primeira hipótese formulada, ou seja, a de que o tempo de recuperação das anáforas, de acordo com o princípio da explicitude e com a distância referencial, deve ser: $ta_3 > ta_2 > ta_4 > ta_1$ em língua inglesa (como L2), foi corroborada. Conforme o mencionado no final da primeira parte deste trabalho, Gernsbacher (op. cit.) afirma que a anáfora de SN comum (substituição lexical) tende a ser mais explícita que os pronomes em geral. Isso aconteceu nos textos formulados, em que apenas a primeira anáfora pronominal (a1) foi processada mais rapidamente do que a4. Isso já era previsto, uma vez que a distância entre o referente e o pronome pessoal anafórico *she* era bastante pequena. Supunha-se, também, que o menos explícito de todos os pronomes utilizados no experimento fosse o *this*, utilizado como anafórico no terceiro texto (a3), cujo processamento levou mais tempo do que o do pronome objetivo *her* (a2), conforme se pode averiguar nos gráficos da página anterior. É interessante observar que nem sempre a distância entre o referente e o anafórico influi na velocidade de ativação da informação antecedente na memória. Nota-se que, em a2, apesar de a distância entre o anafórico e o referente ser bastante grande, o referente foi

recuperado com mais rapidez do que em a4. Esse resultado pode indicar que o grau de explicitude é mais importante do que a distância referencial estudada por Givón.

Já a segunda hipótese foi formulada de maneira bem mais aberta do que a primeira devido ao fato de não se saber se, no português, o princípio da explicitude é válido. No experimento conduzido, os resultados apontaram a existência de diferenças substanciais no tempo de processamento dos quatro tipos de anáforas em língua portuguesa.

Em primeiro lugar, há que se destacar que a anáfora nominal foi a que, em média, mais demorou para ter seu referente recuperado. Em segundo lugar, o pronome anafórico demonstrativo *isso* foi rapidamente processado, apesar de a distância entre esse e o referente “festival de dança” ser bastante grande. Contudo, pode-se afirmar que o fato de a recuperação do pronome objetivo *a* ter sido mais demorada do que a do demonstrativo *isso* é bastante razoável, pois parece ser mais difícil do que a do pronome objetivo *her*, na língua inglesa. Por fim, o fato de a anáfora a1 ter sido a mais rapidamente processada em português confere com o que ocorreu no inglês, provavelmente devido ao mesmo motivo apontado anteriormente.

Uma questão a ser identificada, seja por meio de um número maior de sujeitos, seja pela construção de mais instrumentos (textos) com esse tipo de anáfora, é a do motivo pelo qual a anáfora nominal (substituição lexical) levou significativamente mais tempo para ser retomada. Talvez o fato de o referente ser o nome do jornal tenha dado margem a uma demora maior na recuperação do mesmo. Para averiguar se é esse o motivo, será necessário fazer um segundo experimento, no futuro, com dois tipos de anáfora nominal e mais sujeitos.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo demonstrar, em sua parte teórica, as várias possibilidades de estudos da anáfora numa abordagem psicolinguística, usando os fundamentos da Linguística Textual e da Psicologia Cognitiva para, num esforço conjunto, estudar o processamento da anáfora durante a leitura.

Apesar de o problema de como a referência é manuseada na compreensão e produção do discurso ser o foco de muitas pesquisas sobre o processamento do discurso, no Brasil há pouquíssimas pesquisas feitas nesse sentido. Partindo do pressuposto de que esse tipo de pesquisa é fundamental para a compreensão da relação entre os processos cognitivos, a integração e o processamento da informação, esse trabalho visou a dar uma contribuição para se fazer um experimento nesse sentido.

A parte experimental consistiu de uma pesquisa com amostra bastante reduzida, mas que pode ser ampliada, tanto em número de sujeitos como no de instrumentos (textos), para que se possa investigar com profundidade, em língua portuguesa, qual seria o princípio da explicitude, bem como até que ponto a distância referencial influencia a velocidade de recuperação - ou ativação - do referente na memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, J. E., O'BRIEN, E. J. Updating a mental model: Maintaining both local and global coherence. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, v. 1, n.19, p. 1061-1070, 1993.
- BINS, P. *Theodora*. Porto Alegre: Bertrand Brasil, 1991. p. 46.
- CHAFE, W. L. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. S. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: Benjamins, 1987.
- _____. *Discourse, consciousness and time*. Chicago: University of Chicago, 1994.
- CLARK, H. H., MARSHALL, C. R. Definite reference and mutual knowledge. In: JOSHI, A. K., WEBBER, R., SAG, I. A. *Elements of Discourse Understanding*. Cambridge: Cambridge University, p. 10-63, 1981.
- _____, SENGUL, C. J. Search of referents for nouns and pronouns. *Memory and Cognition*, p. 35-41, 1979.
- DELL, G. S., McKOON, G., RATCLIFF, R. The activation of antecedent information during the processing of anaphoric reference in reading. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 22, p. 121-132, 1983.
- GARROD, S., SANFORD, A. Interpreting anaphoric relations: the integration of semantic information while reading. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 16, p. 77-90, 1977.
- _____, FREUDENTHAL, D., BOYLE, E. The role of different types of anaphor in the on-line resolution of sentences in a discourse. *Journal of Language and Memory*, n. 33, p. 29-68, 1994.
- GIVÓN, T. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Amsterdam: Benjamins, 1983.

- _____. The grammar of referential coherence as mental processing instructions. *Linguistics*, n. 30, p. 5-55, 1992.
- GERNSBACHER, M. A. Mechanisms that improve referential access. *Cognition*, n. 32, p. 99-156, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K. Around the clause: cohesion and discourse. In: _____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HASAN, R. The texture of a text. In: HALLIDAY, M. A. K., HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HAVILAND, Sarah E., CLARK, Herbert H. What's new? Acquiring new information as a process in comprehension. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 13, p. 512-521, 1974.
- KINTSCH, W., van DIJK, T. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*, n. 85, p. 363-394, 1978.
- LORCH, R. F., O'BRIEN, E. J. *Sources of coherence in reading*. New York: Erlbaum, 1995.
- McKOON, G., RATCLIFF, R. The comprehension processes and memory structures involved in anaphoric reference. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, n. 19, p. 668-682, 1980.
- O'BRIEN, E. J. et al. Anaphoric inference during reading. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, n. 12, p. 346-352, 1986.
- PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.
- TOMLIN, R. S. Linguistic reflections of cognitive events. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 455-480.
- VERÍSSIMO, L. F. Ar e chumbo. *Zero Hora*, Revista ZH, 18 out 1998, p.12.

ANEXO I - INSTRUMENTOS USADOS PARA A COLETA DE DADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA E EM LÍNGUA INGLESA

TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

1) Uma amiga minha de Londres contou-me a respeito de uma greve de mineiros acontecida há duas semanas; ela também me relatou em detalhes as medidas do governo trabalhista de Tony Blair para combater o desemprego. Tais medidas foram consideradas extremamente bem sucedidas pelos ingleses.

A que palavra(s) se refere o pronome "ela" no texto? _____

.....

2) "Theodora sempre me escreve. A princípio, páginas arrancadas de cadernos, timidamente empurradas por baixo da porta do meu quarto de solteiro. Me apaixono por sua caligrafia redonda, feminina, adulta. Leio os bilhetes até sabê-los décor: narra impressões, cambiantes estados de espírito. Então a amo."

A que palavra(s) se refere o pronome "a" na passagem acima? _____

.....

3) Recentemente estive no festival de dança em Joinville, que contou com a participação de grupos de todo o Brasil. Algumas apresentações foram feitas em palcos improvisados dentro de fábricas, etc. Foi um verdadeiro sucesso, principalmente entre os operários. Isso acontece todos os anos.

A que palavra(s) se refere o pronome "isso" na passagem acima? _____

.....

4) "No dia seguinte lá estava, na capa do Diário, tudo sobre o assassinato de Gandhi. A foto e a biografia e os detalhes da notícia que não cabiam no cartaz escrito à mão. Foi a primeira vez que me detive na primeira página do jornal antes de passar automaticamente para a seção de esportes. Tinha um interesse particular na história."

A que palavra(s) se refere a palavra "jornal" no texto? _____

TEXTOS EM LÍNGUA INGLESA

1) A graduate student from Lyon gave me an account of the recent riots about access to education in France; she also talked to me at length about the neo-fascists who run the Department de Lyon (Le Pen's nationalist party). The party has been taking extremely impopular measures to tackle unemployment.

What word(s) does the pronoun "she" refer to? _____

.....

2) Louise always gives me presents. Sometimes flowers, which are carefully arranged in a bunch and left in a pot in my bedroom. I loved the poetry book she gave me for my last birthday. I read the poems until I had known them by heart: they describe ever-changing feelings and moods. Then I thanked her.

What word (s) does the pronoun "her" refer to? _____

.....

3) There is a semi-annual festival of dance in Lyon; a few years ago it was modelled on the Brazilian carnival, with guilds from every neighborhood participating. Some escolas de samba were invited over from Rio to give lessons, etc. This was very popular, especially among the poor immigrant North Africans who live in quasi-favelas outside of the city.

What word(s) does the pronoun "this" refer to? _____

.....

4) Last week I watched a TV documentary on CNN about Clinton's impeachment process. His affair with Monica Lewinsky and all the sordid details about their sexual relationship. It was the first time I watched the program without automatically changing the channel. I had a particular interest in the story.

What word (s) does the word "program" refer to? _____